

***RESENHAS/  
REVIEWS***

## A CELA EM CENA

Wagner Corsino ENEDINO<sup>1</sup>

ABREU, W. C. de. **Quando o teatro encena a cadeia**: atualidade e recepção da dramaturgia de Plínio Marcos. São Leopoldo: UNISINOS, 2001. 72 p. (Série Acadêmica)

Wagner Coriolano de Abreu, mestre em Teoria da Literatura pela PUC-RS e professor da FEEVALE, em São Leopoldo – RS, discute, em *Quando o teatro encena a cadeia*, aspectos da recepção crítica das obras *Barrela* e *A mancha roxa*, de Plínio Marcos de Barros. Seguindo os pressupostos da estética da recepção, na linha de Hans Robert Jauss e de Arnold Rothe, o autor pretendeu “verificar de que modo a obra do dramaturgo foi lida em diferentes momentos de sua circulação [...], desde a sua criação propriamente dita até as últimas montagens” (p. 14). Coerente com a posição teórica adotada e com o objeto de estudo, o texto tangencia traços do teatro contemporâneo, seguindo uma linha de desenvolvimento que, desde a apresentação, focaliza a noção de duplicidade pertinente à arte dramática. Além da apresentação, intitulada “Teatro: uma arte de duas faces” – em que Ivo Bender retoma a questão da duplicidade, explorada por Abreu em seu estudo –, o livro contém um anexo de duas páginas (em que se apresenta o argumento das peças analisadas) e três capítulos.

No primeiro capítulo – “O texto, o autor e o leitor no teatro” –, Abreu constrói um breve referencial teórico, situa Plínio Marcos no contexto da dramaturgia, enfatizando a linguagem e a linha temática de suas obras – que renderam ao dramaturgo sérios problemas com a censura e que teriam gerado, segundo Abreu, leituras pouco voltadas a aspectos estruturais das obras em questão –, além de discutir alguns pontos sobre o teatro contemporâneo: os aspectos históricos que as obras comportam e suas relações com as novas formas de produção que o gênero dramático desenvolve, bem como a temática que procura focalizar. Nesse contexto, o pesquisador arrola alguns pontos de vista acerca da relevância do texto escrito e sua encenação, destacando contribuições teóricas de Bornheim, Richard Wagner e Artaud. Não cita, todavia, Anatol Rosenfeld, Décio de Almeida Prado ou Ryngaert.

No segundo – “A recepção de *Barrela* e *A mancha roxa*” –, o autor focaliza as críticas publicadas em matérias de cunho jornalístico, no período de 1989 a 1993 e historia a inserção de Plínio Marcos no cenário nacional bem como a gênese das duas peças. Ele enfatiza que os temas eleitos pelo dramaturgo, relacionados à marginalidade

---

<sup>1</sup> Departamento de Letras – Associação de Ensino Superior Osvaldo Cruz – 17700-000 – Osvaldo Cruz-SP.

social, não teriam atendido de forma imediata à expectativa do público leitor e que a crítica – excetuando-se Magaldi, que discutiu questões de ordem técnica – teria se preocupado apenas com uma visão conteudística ou temática.

Quanto ao terceiro capítulo – “A leitura pela estética da recepção” –, tem sua tônica na discussão das posições nem sempre unânimes de alguns jornalistas, cujos textos, embora tivessem o objetivo de divulgar a encenação, teriam apresentado reflexões sobre o grau de expectativa da crítica acerca das duas peças, detendo-se, todavia, apenas nas marcas de contemporaneidade de Plínio Marcos, ao retratar o drama do preso e a Aids, e no enquadramento das peças numa possível vertente naturalista.

A conclusão do livro, muito semelhante à introdução, sintetiza os pontos desenvolvidos e deixa explícita a intenção do autor de retomar algumas questões em trabalhos futuros.

Ocorre, todavia, que Abreu apresenta, em alguns pontos da leitura que faz, uma visão um tanto ingênua, senão preconceituosa, sobretudo no modo como aborda o naturalismo:

Atribuir às obras de Plínio apenas uma leitura pela perspectiva do naturalismo, que alguns críticos [...] fizeram, contribui para a permanência de sentidos ultrapassados e/ou concepções institucionais retrógrados, que apenas reforçam o mau gosto que é atribuído a quem se ocupa com questões cruciais para a superação do impasse e do caos em que se encontra a sociedade. (p. 61)

As discussões que circundam o período naturalista repousam no fato de que, no Brasil, “o teatro nunca passou por uma fase naturalista digna de ser levada a sério” (Rosenfeld, 1993, p. 150). Não se trata, pois, de questionar os rótulos “mau gosto” ou “bom gosto”. Importa constatar que “o verismo radical, o domínio magistral do jargão dos ‘deserdados’, a agudez e precisão da observação e a força elementar com que sua cena espraia a vida tormentosa e selvagem dos humilhados” tornam a obra de Plínio Marcos uma revelação. (idem)

Também parece equivocada a afirmação de que *A mancha roxa* teria perdido “a consistência popular” e de que portaria “incoerência ideológica”, por criticar a negligência e a “cegueira” do Estado, mas não apresentar nenhum argumento contra esse estado de coisas (p. 58). Ora, o desmascaramento de Santa, a retirada de Grelão de cena, entre outras estratégias, parecem ser argumentos suficientes para construir a coerência do texto. Como afirma Ryngaert (1996, p. 17), “o teatro atual aceita todos os textos, qualquer que seja sua proveniência, e deixa ao palco a responsabilidade de revelar sua teatralidade e [...] ao espectador a tarefa de encontrar aí seu alimento”.

Ademais, segundo Rosenfeld (1996, p. 43)

[...]Todas as sociedades modernas abrigam no seu sistema de valores, por mais oficial e consagrado que seja, promessas e idéias reconhecidas (liberdade, igualdade, fraternidade etc.), embora muitas vezes apenas como chavões, sem indicação dos rumos e métodos para concretizar esses ideais e muitas vezes mantidas apesar de contradizerem a organização real da sociedade. Ao teatro popular cabe insistir nessas promessas, apontar as contradições que dificultem o seu cumprimento, manter vivo o espírito de reivindicação e insatisfação que é a mola do progresso.

Apesar dos aspectos apontados, não se pode questionar a dimensão do trabalho de Wagner Coriolano de Abreu como contribuição para a história da dramaturgia nacional e para a construção da fortuna crítica de Plínio Marcos, porque se trata de um trabalho sério, pioneiro, resultante de uma investigação que precisou enveredar-se pelo difícil caminho da pesquisa documental e que reconhece o nome do dramaturgo santista como um dos ícones do teatro.